

ALMADA NEGREIROS o modo de ser pela arte

«Se não for por arte, não eerei doutro modo» — Almada-Negreiros, no catálogo da exposição de Hiroshige Watanuki, SNI, Março de 1963. E está escrita, numa frase, a autobiografia do artista: é que Almada, ao longo de quase 60 anos de intervenção (dos 77 que levou vividos), não foi nunca doutro modo.

Personalidade excepcional, dotado de uma força inventiva que só o génio poético pode explicar (o que foi desde logo detectado por Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa), Almada irrompeu fulgurantemente na aurora do vanguardismo literário e artístico português, que se queria já cosmopolita e europeu sem renegar um lusitanismo repensado em termos dinâmicos e quicá utópicos. Tomado de infância, como permanente estado originário e fonte da constante redescoberta das evidências, pôde criar uma obra literária (poemas, contos, novelas, teatro, um romance, ensaios de variada natureza) caracterizada por uma linguagem vívida e não raro desconcertante onde se harmonizam espectacularmente a oralidade popular (sobretudo lisboeta — vide *A Engomadeira* e *Nome de Guerra*), a sabedoria da antiguidade clássica filtrada em termos pessoais, o humor iconoclasta, um lirismo que de tão puro se diria ingénuo (recorde-se que Almada escreveu e publicou um *Elogio da Ingenuidade*) e uma imaginação aberta às mais ousadas especulações míticas, absorvendo o impacto inicial do futurismo, Almada-Negreiros veio a processar uma atitude estética sempre inquieta e a muitos títulos futurista.

Vincadamente visual, com um agudo sentido do espectáculo, deixou uma obra plástica igualmente importante, embora sujeita à supremacia do desenho, sua vocação maior.

Ainda assim, legou à história da pintura moderna portuguesa os monumentos figurativos que são o retrato de Fernando Pessoa e os painéis das gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos, marcados por uma rigorosa estruturação geometrizarante que se iria acentuar na sua obra futura e culminaria no painel «Começar», exposto no átrio da sede da Fundação Calouste Gulbenkian.

Passada a irrupção da sua magnífica juventude e emparedado num ambiente estagnado e mediocre, Almada-Negreiros, em nome do mito maior da liberdade poética, consentiu-se a posição de mito doméstico, para todos os efeitos da sobrevivência elementar. Este aspecto efectivamente menor da sua biografia pode encher de júbilo os seus detractores, também eles possuidores de telhados de vidro. O que não lhe retira é o perfil inconfundível da sua personalidade criativa e a importância histórica da sua multimoda intervenção.

VITOR SILVA TAVARES

A OBRA: PRINCIPAIS PONTOS DE REFERÊNCIA

1912 — Participação na 1.ª Exposição do Grupo dos Humoristas Portugueses (Grémio Literário, Lisboa); anuncia *O Molho*, tragédia em 1 acto e 23, 2.ª andar, drama em 3 actos.

1913 — Primeira exposição individual, com cerca de 90 desenhos, na Escola Internacional; participação na 2.ª Exposição do Grupo dos Humoristas; escreve *Rondal do Alentejo*, poesia que publicará em 1922.

1915 — Participação na 3.ª Exposição dos Humoristas (Porto); publica *Frizos* no n.º 1 de «Orpheu»; publica o *Manifesto Anti-Dantas* e por extenso; escreve *A Cena do Ódio*, poema que será publicado parcialmente em 1923 e integralmente em 1958; escreve *A Engomadeira*, novela que publicará em 1917; escreve parte de *As Quatro Manhãs*, poemas publicados em 1935.

1916 — Expõe na Galeria das Artes (Salão Bobone); publica o *Manifesto da Exposição de Amadeo de Sousa Cardoso*; escreve e publica o poema *Litoral*; escreve *Mima Fataxa* e *Saltimbancos* (publicados em 1917).

1917 — Publica *K4*, o *Quadrado Azul* realiza a conferência *Ultimatum Futurista* as *Gerações Portuguesas do Século XX*; sai o n.º único do *Portugal Futurista*.

1917 — Estada em Paris; escreve *História de Portugal* por Coser e a peça *Antes de Começar*, representada em 1949.

1920 — Exposição individual no Teatro São Carlos.

1921 — Início da colaboração no «Diário de Lisboa»; realiza e publica a conferência *A Invenção do Dia Claro*; escreve *O Menino de Olhos de Gigante*.

1922 — Colaboração na revista «Contemporânea».

1923 — Participação na exp. dos 6 independentes.

1924 — Escreve e publica *Pierrot e Arlequim*.

1925 — Pinta 2 telas para a «Brasileira» do Chiado; escreve *Nome de Guerra*, romance que publicará em 1938; colabora no «Sempre Fixe»; anuncia a descoberta da perspectiva dos ladrilhos no políptico de S. Vicente de Fora.

1928-29 — Escreve, em Espanha, *El Uno, Tragedia de la Unidad*, conjunto das peças *Deseja-se Mulher* (publicada em 1959) e *S. O. S.* (2.ª acto publicado em 1935).

1932 — Realiza e publica a conferência *Direcção Única*.

1933 — Realiza a conferência *A Arte e os Artistas ou Tekné a Cabeça da Colectividade*.

1935 — Publica os 3 números de *Sudoeste*.

1936 — Participação no «Salão dos Artistas Modernos Independentes»; realiza e publica a conferência *Elogio da Ingenuidade ou as Desventuras da Esperteza Salafina*.

1938 — Publica *Nome de Guerra* e *Desenhos Animados, Realidade Imaginada*; termina os vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

1939-40 — Pinta os frescos do «Diário de Notícias».

1941 — Exposição individual no SPN («30 Anos de Desenho»).

1942 — «Prémio Columbano» pela sua participação na 7.ª exp. de Arte Moderna do SPN; publica *Prefácio ao Livro de Qualquer Poeta*.

1944 — Realiza a conferência *Descobri a Personalidade de Homero*; escreve o prefácio de *Um Homem de Barbas*, de Manuel de Lima.

1945 — Realiza as séries de frescos da gare marítima de Alcântara.

1946 — «Prémio Domingues Sequeira», do SNI.

1946-48 — Pinta os frescos da gare marítima da Rocha do Conde de Óbidos.

1948 — Publica *Mito-Alegoria-Símbolo*.

1950 — 3 palestras na BBC de Londres: *Teleon e a Arte Abstracta*; publica *A chave diz faltam duas tábuas e meia de pintura no todo da obra de Nuno Gonçalves*.

1952 — Exposição individual, para inauguração da «Galeria de Março»; publica *Presença*.

1954 — Pinta o retrato de Fernando Pessoa para o restaurante «Irmãos Unidos».

1957 — Expõe 4 pinturas abstractas geométricas na 1.ª exp. da Fundação Gulbenkian; propõe uma composição total para o políptico de Nuno Gonçalves.

1958 — Publica um artigo no «Diário de Lisboa» em que afirma destinar-se ao mosteiro da Batalha o políptico de S. Vicente de Fora.

1959 — «Prémio Nacional das Artes», do SNI; pinta cartões de tapeçarias para o Hotel Ritz.

1960 — Publica no «Diário de Notícias» uma série de 9 entrevistas sobre a reconstrução do políptico de S. Vicente de Fora.

1961 — Termina as decorações na Cidade Universitária de Lisboa.

1963 — Exposição de 10 gravuras em vidro acrílico na Cooperativa «Gravuras».

1964 — Pinta um novo Retrato de Fernando Pessoa, para a Fundação Gulbenkian.

1965 — Publica *Orpheu 1915-1965*; realiza cenários e figurinos para *Auto da Alma de Gil Vicente*, no Teatro São Carlos.

1968-69 — Realiza o painel gravado *Começar*, para a sede da Fundação Gulbenkian.

1969 — Decoração a fresco de duas paredes na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; realiza uma conferência sobre Amadeo, em Amarante.

(Dados colhidos parcialmente de uma Tábua biobibliográfica organizada por J. A. França).

uma mensagem
de
felicitações...

no
50.º aniversário
do
DIÁRIO DE LISBOA

... uma mensagem amiga
da

TAP



ALMADA NEGREIROS